

Avaliação da satisfação de estudantes de odontologia sobre a qualidade e viabilidade do ensino remoto na pandemia de covid-19

Ana Júlia Gomes Leal¹  | Nayanne Gomes Araújo¹  | Augusto César Leal da Silva Leonel¹  Thércia Mayara Oliveira Feitoza¹  | Emmanoel Matheus de Oliveira Matos¹  | Érika Caroline Steinle¹  | Elaine Judite de Amorim Carvalho¹ 

¹ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil.

Objetivo: Avaliar a satisfação dos estudantes da disciplina de patologia oral de uma universidade brasileira quanto à qualidade e viabilidade do Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Métodos: Tratou-se de uma pesquisa transversal, na qual foi aplicado um questionário virtual para todos os estudantes do 5º período que cursaram a disciplina durante a vigência do ERE. Foram usadas técnicas de estatística descritiva; correlação linear parcial, Coeficiente de Spearman e o Coeficiente Alpha de Cronbach, através do SPSS, versão 23.

Resultados: Participaram da pesquisa 154 alunos, dos quais, 72,7% era do sexo feminino. Apenas 7,1% conseguiu se preparar antecipadamente para o ERE; 74% concordou que o ERE foi bem estruturado e 59,8% ressaltou que o aprendizado superou as expectativas. Como pontos críticos apenas 46,8% se sentiu bem preparado para parte prática/clínica; 38,3% se sentiu motivado a aprender com o uso dos novos métodos de ensino digital e 75,3% dos participantes alegou preferir o ensino presencial em vez do ERE. 42,9% acreditou que o ERE requer menos esforço de tempo e em contrapartida, com maior dificuldade de participação. 44,8%. 54,5% dos participantes relatou que o ensino presencial promove maior transferência de conhecimento quando apenas 7,1% preferiu o ERE. Em relação às características técnicas, 83,1% julgou a qualidade de imagem e som das aulas como boa. Entre as dificuldades percebidas, 10,3% relatou problemas de conexão com a internet, interferindo no conteúdo.

Conclusão: O ERE se mostrou uma ferramenta importante no período pandêmico da COVID-19, como medida emergencial e pontual para evitar a parada dos estudos, promovendo a continuidade do aprendizado da disciplina em questão, uma vez que estudantes de saúde tinham grande risco de contágio dentro do contexto.

Descriptores: COVID-19; educação a distância; estudantes de odontologia.

Data recebimento: 2024-04-18

Data aceite: 2024-10-18

INTRODUÇÃO

Com o aparecimento do novo Coronavírus 2, da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV-2), surgiram desafios complexos em diversas áreas, principalmente na saúde, economia e educação. A Coronavírus Disease – 2019 (COVID-19), impôs desafios práticos e logísticos ao setor educacional, especialmente

para estudantes de área de saúde, cujas práticas de algumas disciplinas os expõem ao maior risco de contaminação, como estudantes de odontologia¹.

Para se evitar maior disseminação do vírus, uma das primeiras ações tomadas em quase todo o mundo, na área da educação, foi o encerramento temporário das atividades nas instituições de ensino e a implementação do

Autor Correspondente:

Elaine Judite de Amorim Carvalho
Avenida Prof. Moraes Rego, 1235. Cidade Universitária, Recife - PE CEP: 50670-901. Telefone celular: +55 81 992461537.
Email: elaine.carvalho@ufpe.br

Ensino Remoto Emergencial (ERE) baseado em aulas remotas por meio de tecnologias de informação e comunicação².

Entretanto, o ensino remoto trouxe divergência de opiniões tanto de estudantes como de professores, suscitando o debate sobre o contentamento dos discentes diante deste cenário, abordando sua eficácia e seus aspectos, sejam eles: sociais, psicológicos e econômicos³.

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi avaliar o grau de satisfação dos estudantes da disciplina de patologia oral do curso de Odontologia de uma universidade pública brasileira, sobre a qualidade e viabilidade do ERE no contexto da COVID-19, identificando dificuldades dos estudantes durante esse processo e proporcionando à instituição de ensino dados sobre a aceitação deste recurso para uma disciplina básica que não demanda extensa prática laboratorial tecnicista.

MATERIAL E MÉTODOS

Tratou-se de um estudo transversal aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da instituição de ensino pesquisada com número de parecer 4.916.338 e sob o número CAAE 50721821.6.0000.5208.

A referida pesquisa foi desenvolvida com aplicação de questionário eletrônico com 25 perguntas, proposto por Schlenz³, autoaplicável e anônimo, hospedado virtualmente nos Formulários Google®, o qual foi traduzido e submetido à validação de conteúdo. Após a conclusão da disciplina, os estudantes eram convidados a responder a pesquisa através de um link publicado na sala de aula virtual, o qual só teria acesso após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) disponibilizado também através de link virtual. Este questionário continha declarações avaliativas sobre como os alunos lidavam com o ERE, a maneira como os alunos avaliavam tal ferramenta de aprendizado como útil em relação à educação odontológica e motivação e entusiasmo com o método e em que medida o ensino presencial se diferia do ERE. Todas estas declarações poderiam ser avaliadas e respondidas através da escala Likert. Ainda, poderiam decidir se o ERE era inferior, melhor ou equivalente ao ensino presencial e também foram questionados sobre a quantidade de ensino remoto que poderia ser adotado pelo curso em um futuro currículo, independente

da pandemia. Por fim, foram feitas perguntas demográficas sobre o período letivo em curso e o sexo, bem como, informações sobre o tipo de conexão utilizada, qualidade dos dispositivos eletrônicos para acessar os encontros virtuais, frequência e intensidade dos problemas de conexão à internet e o local de onde os estudantes acessavam a rede. Os questionários foram avaliados anonimamente e a abstenção foi permitida para cada pergunta.

Como valor central do instrumento, para atestar a sua fidedignidade, foram usadas técnicas de estatística descritiva (definição de médias e desvios-padrão, medianas e modas); correlação linear parcial, por meio do Coeficiente de Correlação de Postos de Spearman e o Coeficiente Alpha de Cronbach (todos os níveis de significância foram determinados em $p < 0,01$). O questionário foi validado com um Coeficiente Alpha de Cronbach igual a 0,670.

A aplicação do questionário se deu por via remota através do formulário Google a uma amostra composta pelos 280 estudantes regularmente matriculados na disciplina de patologia oral do curso de odontologia de uma universidade pública brasileira durante os semestres de 2020.1, 2020.2, 2021.1 e 2022.2. Todos os alunos tinham acesso à internet, uma vez que a instituição de ensino disponibilizou pacote de dados eletrônicos individualizados para cada estudante que não dispunha desta tecnologia a partir de sua residência. Os estudantes estavam matriculados no 5º período do curso. Foram excluídos da pesquisa todos os estudantes que fossem menores de 18 anos de idade.

Após aplicado o critério de exclusão, procedeu-se ao emprego das entrevistas virtuais, obtendo-se 154 respostas. Os dados foram digitados em planilha no Excel, e foram analisados descritivamente (médias, medianas, desvio padrão), como também foi realizada análise estatística inferencial, com nível de significância de 5%. O programa utilizado para executar as inferências foi o SPSS, versão 23.

RESULTADOS

O questionário foi respondido por 154 estudantes que cursavam o 5º período do curso, dos quais, 112 (72,7%) era do sexo feminino. Conforme pode ser observado na Tabela 1, o tipo de conexão mais utilizada foi a W-LAN (83,1%) seguida pela rede móvel (11%). Problemas de conexão foram referidos por apenas 17,5% dos estudantes, a maioria considerou que foram poucos os eventos de dificuldade de conexão

(76,6%). O dispositivo para conexão utilizado em 55,2% das vezes foi o laptop, seguido pelo Computador Pessoal (PC) em 29,5% das vezes.

A casa dos pais foi o local mais referido de onde estes estudantes acessavam a internet para as atividades (85,7%).

Tabela 1. Distribuição dos alunos entrevistados por sexo, tipo de conexão e problemas de conexão utilizada, local de acesso às atividades.

Sexo	Feminino	Masculino	Não binário	-	Total
	112 (72,7%)	41 (26,6%)	1 (0,6%)		154 (100%)
Tipo de Conexão	Rede Móvel	W-Lan	Lan	Nenhuma	
	17 (11%)	128 (83,1%)	2 (1,3%)	7 (4,5%)	154 (100%)
Problemas de Conexão	Nunca	Pouco	Metade	Muito/Sempre	
	8 (5,2%)	118 (76,6%)	12 (7,8%)	16 (10,4%)	154 (100%)
Local de Acesso	Residência Universitária / República / Apartamento Dividido	Casa dos Pais	Nenhuma Resposta	-	
	16 (10,4%)	132 (85,7%)	6 (3,9%)		154 (100%)

Na tabela 2 pode ser observado que houve uma concordância entre os estudantes entrevistados nos seguintes aspectos: possibilidade de preparação prévia para as atividades remotas; boa estruturação do ensino remoto com superação de suas expectativas; boa qualidade de imagens e som apresentados

e ainda, a adequação deste ensino no contexto da pandemia experimentada. Entretanto, como pontos negativos, os alunos responderam, em sua maioria, ter maior dificuldade de interação com os professores no ensino remoto e uma expressiva preferência pelo ensino presencial em detrimento do remoto.

Tabela 2. Respostas dos estudantes de acordo com a escala de concordância a respeito da qualidade do ensino remoto nas disciplinas de Patologia Oral.

Pergunta	Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo Totalmente	Nenhuma Resposta	Total
Boa preparação para o ERE	5 (3,2%)	4 (2,6%)	32 (20,8%)	67 (43,5%)	44 (28,6%)	2 (1,3%)	154 (100%)
Possibilidade de preparação prévia para o ERE	10 (6,5%)	46 (29,9%)	42 (27,3%)	45 (29,2%)	11 (7,1%)	0 (0,0%)	154 (100%)
O ERE foi bem estruturado	5 (3,2%)	10 (6,5%)	25 (16,2%)	77 (50%)	37 (24%)	0 (0,0%)	154 (100%)
O ERE foi bom ou superou minhas expectativas	13 (8,4%)	10 (6,5%)	37 (24%)	62 (40,3%)	30 (19,5%)	2 (1,3%)	154 (100%)
Boa qualidade de imagem e som	0 (0%)	3 (1,9%)	23 (14,9%)	67 (43,5%)	61 (39,6%)	0 (0,0%)	154 (100%)
O ERE prepara bem para aprender a parte teórica	5 (3,2%)	10 (6,5%)	10 (6,5%)	61 (39,6%)	68 (44,2%)	0 (0,0%)	154 (100%)
O ERE prepara bem para a parte prática	5 (3,2%)	10 (6,5%)	10 (6,5%)	61 (39,6%)	68 (44,2%)	0 (0,0%)	154 (100%)
O ERE motiva a aprender	15 (9,7%)	27 (17,5%)	53 (34,4%)	36 (23,4%)	23 (14,9%)	0 (0,0%)	154 (100%)
O ERE estimula a participação nas aulas	25 (16,2%)	36 (23,4%)	41 (26,6%)	27 (17,5%)	25 (16,2%)	0 (0,0%)	154 (100%)
Preferência pelo ensino presencial	4 (2,6%)	16 (10,4%)	18 (11,7%)	38 (24,7%)	78 (50,6%)	0 (0,0%)	154 (100%)
Não acho o ERE útil	85 (55,2%)	42 (27,3%)	21 (13,6%)	4 (2,6%)	2 (1,3%)	0 (0,0%)	154 (100%)

Desafios durante o ensino remoto incluíram fatores externos, como: conexão instável com a internet, encargos financeiros extras para a cota de internet e fatores internos, como gerenciamento de tempo e dificuldade para se concentrar ao aprender online por um longo período de tempo.

Na tabela 3 se encontram as respostas summarizadas dos estudantes entrevistados a

perguntas comparativas entre o ensino remoto e o ensino presencial. Os pontos de preferência pelo ensino remoto se limitaram aos seguintes aspectos: menos esforço de tempo e o fato de ser uma metodologia mais moderna. Nos demais aspectos (facilidade de participação, melhor transferência de conhecimento, facilidade de fazer perguntas, mais dicas do professor e mais divertido), o ensino presencial obteve melhores resultados.

Tabela 3. Respostas qualitativas e comparativas entre o ERE e o Ensino Presencial.

Pergunta	Presencial	Equivalente	ERE	Nenhuma Resposta	Total
Menos esforço de tempo	35 (22,7%)	43 (27,9%)	66 (42,9%)	10 (6,5%)	154 (100%)
Participação mais fácil	69 (44,8%)	28 (18,2%)	57 (37,0%)	0 (0,0%)	154 (100%)
Melhor transferência de conhecimento	84 (54,5%)	58 (37,8%)	11 (7,1%)	1 (0,6%)	154 (100%)
Mais fácil fazer perguntas	54 (35,1%)	50 (32,5%)	50 (32,5%)	0 (0,0%)	154 (100%)
Mais dicas do professor	49 (31,8%)	69 (44,8%)	32 (20,8%)	4 (3,6%)	154 (100%)
Mais divertido	109 (70,8%)	23 (14,9%)	20 (13%)	2 (1,3%)	154 (100%)
Mais moderno	15 (9,7%)	37 (24%)	101 (65,6%)	1 (0,6%)	154 (100%)

Em discordância com o que foi exposto acima, observamos que na presente pesquisa, menos da metade dos entrevistados (44,8%) acharam que o modo presencial desprende de uma participação mais fácil e 54,5% acharam que o presencial tem uma melhor transferência do conhecimento. Em se tratando de um ambiente mais divertido/didático, o modo presencial obteve grande vantagem em relação ao modo online, com 70,8% de escolha pelos alunos.

A maioria dos entrevistados identificaram a casa dos pais/cidade natal (86,7%) como o local em que passaram a maior parte do tempo durante o ERE.

Ao final do questionário, os estudantes foram convidados a tecer comentários sobre o ERE ou o modo como a disciplina foi conduzida nesse período. Metade deles (50%) não respondeu a este quesito; 29,9% dos estudantes deixaram comentários positivos, 20,1% deixaram comentários negativos.

DISCUSSÃO

Os resultados demonstram que a maioria dos alunos, mesmo tendo uma boa adaptação e se sentindo razoavelmente satisfeitos como ERE, consideraram-se prejudicados academicamente com a implementação de tal metodologia de ensino durante a pandemia, e defendem que o ensino, em sala de aula, em tempo presencial é o melhor método de educação. O que coincide

com os resultados das pesquisas de outros autores²⁻⁹.

Apesar do curso de Odontologia ter extensa carga horária prática, foi necessário que pelo menos as atividades teóricas fossem ofertadas em regime de ensino remoto, para minimizar os prejuízos causados pela necessidade do isolamento social. Mesmo com toda a instabilidade do período pandêmico, dificuldades pessoais, financeiras e emocionais, os estudantes preferiram dar continuidade e manter os estudos ativos aderindo assim a uma nova realidade de aprendizado. Estudos indicam que a média de domicílios brasileiros com acesso à rede de internet corresponde a uma taxa de 74%^{4,5}. Na presente pesquisa, todos os estudantes tinham acesso à internet em suas residências, seja por meio de uma conexão particular ou através do pacote de dados fornecido pela instituição de ensino.

Os estudantes que apresentam acesso à meios tecnológicos em seus domicílios podem apresentar um maior progresso no modo de aprendizagem durante o ERE, em contrapartida, outros alunos sem nenhum tipo de acesso ou acesso limitado e/ou estudantes com deficiência de aprendizagem podem ter realizado progressos menores^{4,10}. Em estudo realizado no Brasil, um sexto dos estudantes afirmaram não ter condições para dar continuidade às atividades remotas, onde 14% não possuíam um laptop ou desktop para estudar, sendo mais prevalentes

entre não brancos do que em brancos¹¹. Já no estudo de Schlenz¹², realizado na Alemanha, 90,8% dos estudantes afirmaram possuir uma conexão estável com a internet.

Para professores e alunos, um grande problema enfrentado foi com a conexão de rede¹³. A internet, apesar de muito contribuir para a comunicação virtual, não está disponível em qualidade constante para toda a população, onde possivelmente gerou diversos problemas na dinâmica educacional. De acordo com o Comitê Gestor da Internet do Brasil, em 2020, o país chegou a 152 milhões de usuários - um aumento de 7% em relação a 2019. Com isso, 81% da população com mais de 10 anos tem internet em casa. Mesmo com o elevado número de usuários, a rede de internet fica sujeita a interferências que podem diminuir a qualidade de transmissão, comprometendo as aulas e discussões no ensino remoto síncrono.

Contrariamente ao que foi referido pelos estudantes nesta pesquisa em relação ao esforço de concentração, alguns autores^{4,6,14,15} referem que a aprendizagem por meios eletrônicos exige muito maior concentração e é muito mais desgastante das funções cognitivas, especialmente da atenção. Ademais, assinalam que as videoconferências têm uma dificuldade adicional que, paradoxalmente, deveria facilitar a prática pedagógica: o componente audiovisual. A necessidade de manter a imagem exige um esforço que provoca tensão em quem não está acostumado, aumentando o risco de aumentar os níveis de stress e exaustão emocional.

Muitos alunos relataram que conseguiam manter a atenção no início das aulas, porém iam perdendo o interesse gradativamente com o decorrer do tempo. Dados obtidos em outro estudo demonstram que a principal dificuldade relatada pelos estudantes foi o fato de se desconcentrarem fácil¹³. Por mais que os professores tenham tido dificuldade em manter a atenção dos alunos, a maioria considerou o material apresentado nas aulas como ótimo ou bom. Recomendou-se aumentar o treinamento do uso de ferramentas online para os estudantes, com planos de aula que aumentem a interatividade e diminuam a carga cognitiva. Por este motivo, sugere-se que as aulas ministradas sejam de curta duração e com mais intervalos^{6,15}.

Pelo fato da paralisação do ensino presencial ter sido urgente e repentina, não houve tempo suficiente para uma mudança pensada e planejada na vida dos estudantes e professores¹³. Um dos problemas encarados foi

a falta de acesso a um ambiente de estudo e trabalho aceitável, sem distrações de crianças pequenas, familiares e a dinâmica doméstica. Tais problemas podem ser comprovados pelo fato de que a grande maioria dos entrevistados, 82,1%, terem passado o período de ensino remoto emergencial na casa dos pais e familiares. De acordo com pesquisas realizadas por Kanagaraj⁸ em relação à dimensão espacial, 39,9% dos participantes mencionaram que seu ensino-aprendizagem foi afetado por perturbações ambientais, em contrapartida a pesquisa realizada por Schlenz¹² a maioria dos participantes, 88,5%, mencionou possuir um local adequado de trabalho.

Ainda que prefiram o ensino presencial, alguns pontos positivos do ensino remoto foi elencado pelos estudantes, corroborando com as opiniões de alunos obtidas por outros estudos^{5,7,15} que relataram alguns pontos positivos em suas pesquisas, como: a possibilidade de rever as aulas gravadas, flexibilidade de horário, maior tempo para realizar anotações, também liberdade geográfica que possibilita acompanhar as aulas em qualquer lugar que o estudante esteja e a economia de custos relacionada ao deslocamento para os centros universitários. O uso de laptops, smartphones e tablets, proporcionam essa facilidade, diminuindo, por exemplo, o tempo de deslocamento até os centros educacionais.

Como pontos positivos, os alunos entrevistados referiram a ótima didática utilizada e o esforço desprendido pelos professores para oferecer um ensino de qualidade e a excelente condição das aulas envolvendo discussões, correções e formulários durante o decorrer da disciplina. O acolhimento e compreensão por parte dos professores para com os alunos também foi algo bastante citado na pesquisa. Em pesquisas realizadas por Kanagaraj⁸, 75,7% dos participantes relataram que o corpo docente motivou os alunos a continuar a sessão de aulas, enquanto 80,4% dos alunos mencionaram que sua comunicação com o corpo docente melhorou por meio de várias plataformas disponibilizadas, já na pesquisa realizada por Motta-Passos¹³ 49,8% dos alunos afirmaram que conseguiram tirar dúvidas em relação a matéria dada pelos professores. Os aspectos negativos assinalados pelos entrevistados estão em consonância com pesquisas que demonstram que jovens apresentaram maior prevalência de sintomas negativos de saúde mental no decorrer da pandemia, como distúrbios do sono, sinais de depressão e ansiedade^{4,5}. Neste estudo, a

maioria dos alunos se sentiram mais ansiosos e mais da metade considerou seu desempenho acadêmico muito afetado.

Dentre alguns pontos negativos relatados pelos estudantes estão: timidez dos alunos para retirada de dúvidas, cansaço físico e mental gerando angústia e desmotivação, conexão/internet instável, falta de interatividade entre professor-aluno e “não parecer real”. Outro ponto bastante importante foi a dificuldade dos alunos de conciliarem as atividades domésticas/pessoais com o ensino remoto, devido a quantidade de exercícios e assuntos para serem estudados juntamente com a preocupação da situação atípica vivida durante a pandemia. Analisando pesquisas feitas por Kanagaraj⁸ em termos de estado de saúde, mais de metade (77,7%) dos alunos entrevistados por ele manifestaram terem tido problemas de saúde durante as aulas online, sendo o mais comum a dor de cabeça (22,6%), seguida de dores nas costas (14,2%), e tendo a maioria (44,3%) passando por vários problemas de saúde.

Entre pontos positivos e negativos, observa-se que a maioria dos alunos, mesmo tendo uma boa adaptação e se sentindo razoavelmente satisfeitos com o ensino remoto, consideraram-se prejudicados academicamente com a implementação de tal metodologia de ensino durante a pandemia. Defendem que o ensino, em sala de aula, em tempo presencial é o melhor método de educação. Vale destacar a pesquisa realizada por Dias¹¹ com estudantes de graduação em odontologia de todas as regiões do Brasil, onde 65,4% dos participantes afirmaram ter sofrido impactos muito altos na sua formação devido ao ensino remoto.

CONCLUSÃO

O ensino remoto se mostrou uma ferramenta bastante importante durante o período pandêmico da COVID-19 como medida emergencial para a não parada dos estudos, auxiliando na continuidade do aprendizado e na troca de conhecimento, durante a oferta das disciplinas de Patologia Oral do curso de odontologia de uma universidade pública brasileira. Outrossim, da forma como foi aplicado, não substitui o ensino presencial, devendo ser utilizado apenas em caráter de exceção.

ORCID

Ana Júlia Gomes Leal: <https://orcid.org/0009-0000-6508-0847>

Nayanne Gomes Araújo: <https://orcid.org/0000-0002-1402-1078>
 Augusto César Leal da Silva Leonel: <https://orcid.org/0000-0002-8760-7328>
 Thércia Mayara Oliveira Feitoza: <https://orcid.org/0000-003-0499-8288>
 Emmanoel Matheus de Oliveira Matos: <https://orcid.org/0000-0001-6657-8049>
 Érika Caroline Steinle: <https://orcid.org/0000-0002-2856-1243>
 Elaine Judite de Amorim Carvalho: <https://orcid.org/0000-0003-0446-6820>

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Ana Júlia Gomes Leal: Investigação, Escrita do projeto original; **Nayanne Gomes Araújo:** Investigação, Escrita do projeto original; **Augusto César Leal da Silva Leonel:** Análise dos dados; **Thércia Mayara Oliveira Feitoza:** Revisão e edição da escrita, Visualização; **Emmanoel Matheus de Oliveira Matos:** Revisão e edição da escrita, Visualização; **Érika Caroline Steinle:** Revisão e edição da escrita, Visualização; **Elaine Judite de Amorim Carvalho:** Concepção, Metodologia, Validação, Investigação, Análise de dados, Supervisão e Coordenação do projeto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Os autores não possuem nenhum conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

- Alafaleg RSA, Roudsari RV, Tork R, Goodwin M. The staff's perception of level of clinical competence of graduating dental students amid COVID-19: A qualitative research in one Saudi dental school. *Educ Med.* 2023;24(1):100787.
- Aksu F, Akkoc RF, Aras O, Ogeturk M. Evaluation of distance and face-to-face anatomy education from the perspective of students during the COVID-19 pandemic period. *Int J Morphol.* 2023;41(2):522-6.
- Schlenz MA, Schmidt A, Wöstmann B, Krämer N, Schulz-Weidner N. Students' and lecturers' perspective on the implementation of online learning in dental education due to SARS-CoV-2 (COVID-19): a cross-sectional study. *BMC Med Educ.* 2020;20(1):354.
- Santos HMR. Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia:

- investigando as experiências e perspetivas dos docentes portugueses. *Prax Educ.* 2020;15:1-17.
5. Moimaza SAS, Calsavara MBR, Tamanahac AK, Garbina CAS, Salibaa TA. Desafios de estudantes de odontologia no ensino remoto no Brasil, durante pandemia de COVID-19. *Rev Ensino, Educ Cienc Hum.* 2022;23(1):111-9.
 6. Amir LR, Tanti I, Maharani DA, Wimardhani YS, Julia V, Sulijaya B, et al. Student perspective of classroom and distance learning during COVID-19 pandemic in the undergraduate dental study program Universitas Indonesia. *BMC Med Educ.* 2020;20(1):392.
 7. Ali K, Alhaija ESA, Raja M, Zahra D, Brookes ZL, McColl E, et al. Blended learning in undergraduate dental education: a global pilot study. *Med Educ Online.* 2023;28(1):2171700.
 8. Kanagaraj C, Sakthivel R, Christhumary PC, Arulappan J, Matua GA, Subramanian U, et al. Nursing student's satisfaction with virtual learning during COVID-19 pandemic in India. *SAGE Open Nurs.* 2022;8:1-11.
 9. Otuyemi OD, Jebose OJ. Experience and perceptions of Nigerian undergraduate dental students to virtual learning during the COVID-19 pandemic. *Niger J Clin Pract.* 2023;26(5):566-73.
 10. Silva V. COVID-19 e ensino remoto: uma breve revisão da literatura. *Sensos.* 2021;8(1):55-63.
 11. Dias CA, Karam SA, Cumerlato CBF, Sartori LRM, Fernandez MS, Silva NRJ, et al. COVID-19 pandemic and impact on dental education: perception of Brazilian dental students. *Braz J Oral Sci.* 2023;22:1-13.
 12. Schlenz MA, Wöstmann B, Krämer N, Schulz-Weidner N. Update of students' and lecturers' perspectives on online learning in dental education after a five-semester experience due to the SARS-CoV-2 (COVID-19) pandemic: insights for future curriculum reform. *BMC Med Educ.* 2023;23(1):1-11.
 13. Motta-Passos I, Martinez MLL, Andrade SCD, Pinho ACS, Martins MA. Percepção do ensino remoto emergencial por discentes em uma escola de ensino superior de saúde. *Rev Bras. Educ Med.* 2023;47(1):1-8.
 14. Santos GMRF, Silva ME, Belmonte BR. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental dos docentes universitários. *Rev Bras Saude Mater Infant.* 2021;21 Suppl 1:237-43.
 15. Xavier CPC, Roskamp L, Farias RM, Mattos NH, Kuchler EC, Madalena IR, et al. Avaliação da percepção dos alunos e professores do curso de odontologia de uma universidade privada sobre o ensino remoto em tempos de Covid-19. *EAD Foco.* 2022;12(1):1-8.

Assessment of dental student satisfaction about the quality and viability of remote teaching in the covid-19 pandemic

Aim: This study aimed to evaluate the satisfaction of students studying oral pathology at a Brazilian university regarding the quality and feasibility of Emergency Remote Education (ERE).

Methods: This was a cross-sectional study in which a virtual questionnaire was administered to all students of the 5th period who took the subject during the ERE period. Descriptive statistics were used; partial linear correlation, Spearman's Correlation and Cronbach's Alpha, using SPSS, version 23.

Results: 154 students participated in the study, of which 72.7% were female. Only 7.1% managed to be prepared in advance for ERE; 74% agreed that ERE was well structured and 59.8% highlighted that learning exceeded expectations. As critical points, only 46.8% of students felt well prepared for the practical/clinical part; 38.3% felt motivated to learn using new digital teaching methods and 75.3% of participants claimed to prefer face-to-face teaching over ERE. About 42.9% believed that ERE requires less time effort and, on the other hand, makes it more difficult to participate 44.8%. About 54.5% of participants reported that face-to-face teaching promotes greater knowledge transfer when only 7.1% preferred ERE. Regarding technical characteristics, 83.1% judged the image and sound quality of classes to be satisfactory. Among perceived difficulties, 10.3% reported internet connection problems, interfering with the content.

Conclusion: ERE proved to be an important tool during the COVID-19 pandemic as an emergency and punctual measure to avoid interrupting studies, promoting the continuity of learning of the subject, since health students were at great risk of contagion within the context.

Uniterms: COVID-19; education, distance; students, dental.